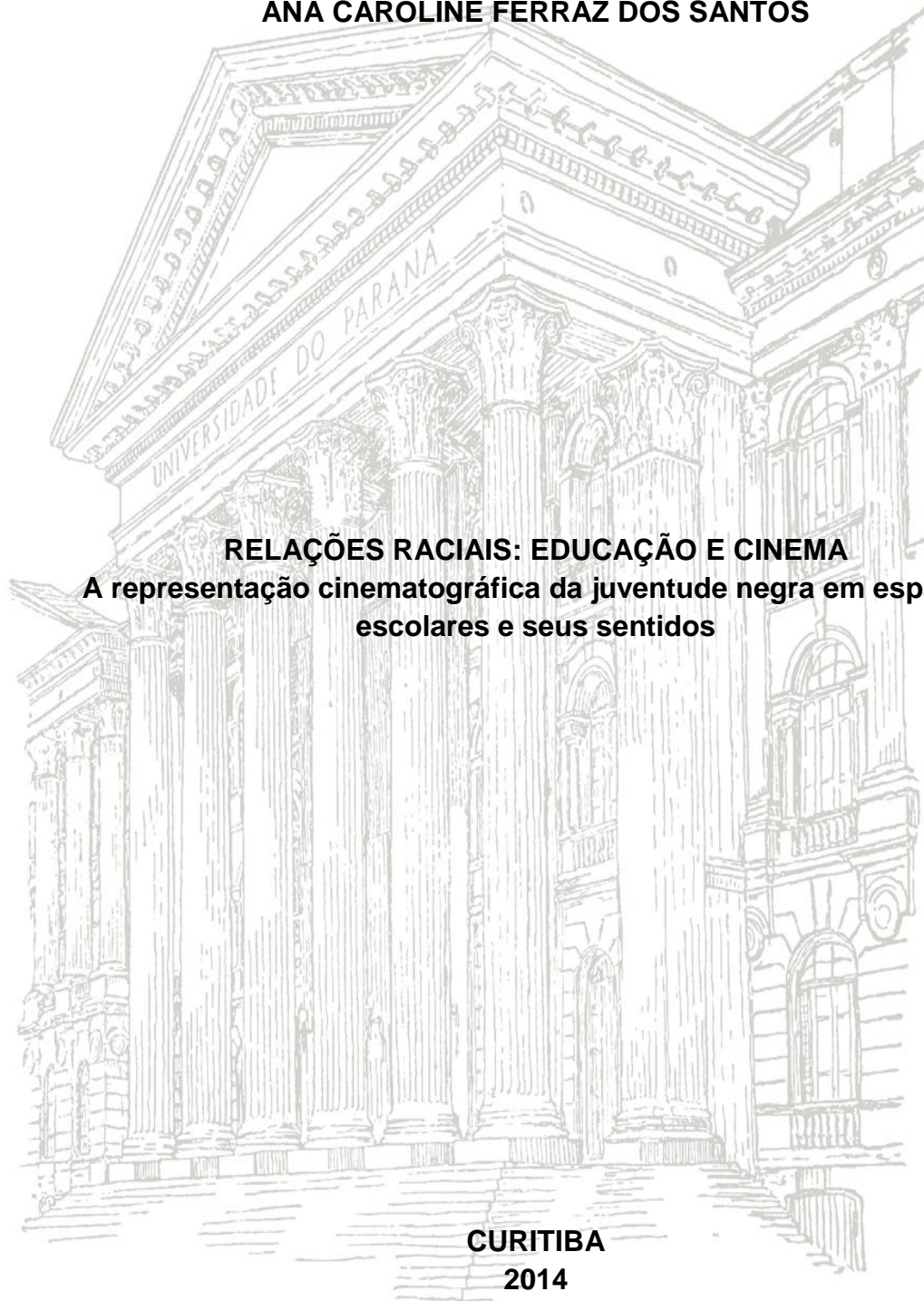


**JUNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ALINE FERNANDA CARNEIRO
ANA CAROLINE FERRAZ DOS SANTOS**

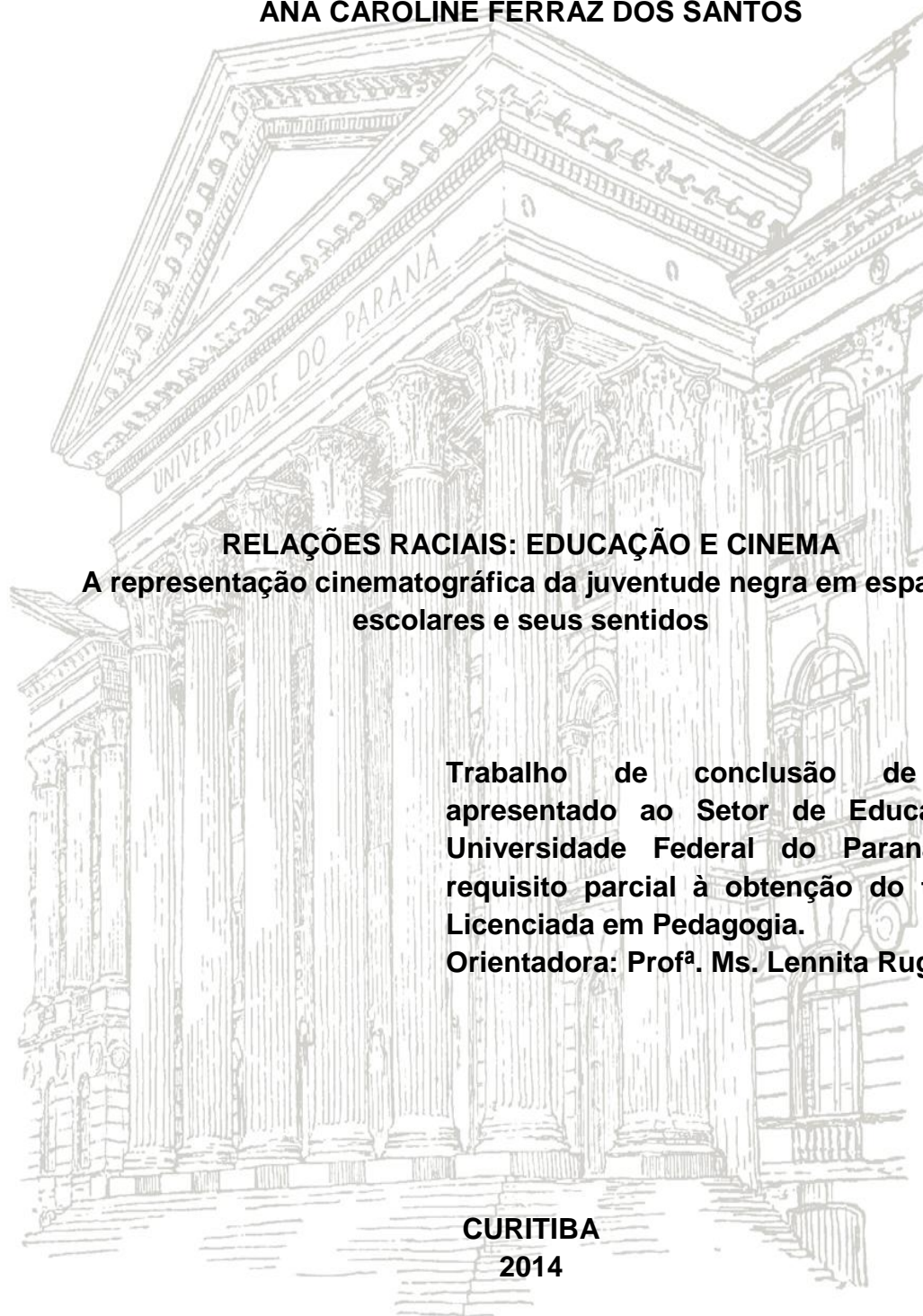


RELAÇÕES RACIAIS: EDUCAÇÃO E CINEMA
**A representação cinematográfica da juventude negra em espaços
escolares e seus sentidos**

**CURITIBA
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ALINE FERNANDA CARNEIRO
ANA CAROLINE FERRAZ DOS SANTOS**



RELAÇÕES RACIAIS: EDUCAÇÃO E CINEMA
**A representação cinematográfica da juventude negra em espaços
escolares e seus sentidos**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Setor de Educação da
Universidade Federal do Paraná como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.**

Orientadora: Prof^a. Ms. Lennita Ruggi.

**CURITIBA
2014**

Aline Fernanda Carneiro

Dedico este trabalho a Deus que com sua bondade me permitiu chegar até aqui. E a duas mulheres guerreiras, a minha mãe Eunice Arlindo Viana que com foco, raça e dedicação criou dois filhos sozinha, este trabalho é apenas mais uma forma de lhe agradecer por tudo que fez por mim. E por fim em especial a minha avó Irene Arlindo Viana, por sua trajetória de vida, por sua generosidade e sabedoria, sei que ao lado de Deus continua a me guiar, e com você vó fecho mais um ciclo da minha vida, te amo.

*In Memoriam
Irene Arlindo Viana.*

Ana Caroline Ferraz dos Santos.

Dedico primeiramente a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, que permitiu que conhecesse pessoas que contribuíram para a minha formação. Aos meus pais: Sandra Maria Ferraz dos Santos e Altivir Ribeiro dos Santos, e minhas irmãs: Deysi Kelli dos Santos e Juliana do Rocio Ferraz dos Santos e ao meu futuro cunhado: Marcelo Diniz Portela, que sempre me incentivaram, me apoiaram, para que chegasse até esta etapa de minha vida, obrigada por estarem presentes nos momentos de angústias, aflições e alegrias.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a nossa família pelo caminho percorrido até aqui, nos momentos de esmorecimentos e fraqueza sempre nos apoiando e nos fazendo prosseguir. Pela inspiração constante em busca de uma sociedade mais igualitária, sem preconceitos e discriminação. Fica aqui o nosso eterno agradecimento, este trabalho é um resultado de todas as nossas vivências e aflições.

Agradecemos a nossas/os amigas/os de caminhada e militância, que tanto nos ouviram reclamar do racismo estrutural desta universidade e os demais espaços. A professora Lennita Ruggi por acreditar no nosso trabalho e defender a causa dentro e fora da universidade agradecemos o seu incentivo.

Em especial a nossa amiga Elizete Antunes Gemin, pelos ensinamentos acadêmicos pelo qual ela nos ajudou a construir, exemplo de vida e superação, fica o nosso muito obrigada por tudo.

“O que as paredes pichadas têm prá me dizer
O que os muros sociais têm prá me contar
Porque aprendemos tão cedo a rezar
Porque tantas seitas têm, aqui seu lugar”

O Rappa

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) está intitulado *Relações Raciais: Educação e Cinema - A representação cinematográfica da juventude negra em espaços escolares e seus sentidos*. Neste trabalho realizamos uma análise cinematográfica sobre a representação fílmica da juventude negra bem como o discurso racial contido nesta mídia. Abrangendo o processo de formação de identidade e gênero dos personagens correlacionando as ações fictícias com o cotidiano educacional. O trabalho foi dividido em quatro capítulos, no primeiro abordaremos questões sobre o Apartheid, currículo, resistência cultural e política. No segundo capítulo discorreremos sobre a diversidade cultural, social e religiosa da França contemporânea. Mas adiante, no terceiro capítulo averiguamos a função da educação na transformação do contexto social. No quarto e último capítulo indicamos brevemente a intencionalidade do cinema e sua relação como agente educativo. Desse modo para a conclusão deste trabalho foram consultadas diversas referências como: Bourdieu (1975), Giroux (1996), Gomes (2006), Hamburguer (2007), Araújo (2008), entre outras.

Palavras-chave: Representação Cinematográfica. Discurso Racial. Educacional.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Sarafina! O som da liberdade	13
TABELA 1. Personagens principais do filme Sarafina! O Som da Liberdade	13
I. Práticas para a liberdade	14
II. Podem calar meu corpo	188
3. Entre os Muros da Escola.....	22
I. Relações raciais e multiculturalismo.....	23
TABELA 2. Personagens principais do filme Entre os Muros da Escola	23
II. Gênero e diversidade	29
4. O contador de histórias.....	33
TABELA 3. Personagens principais do filme O Contador de Histórias.....	33
I. Conte sua História.....	33
II. Uma nova perspectiva.....	41
5. A intenção Cinematográfica	44
I. Representatividade e Educação.....	45
6. Considerações Finais	49
7. Referências bibliográficas	51
8. Anexos	54
FIGURA 1: Frame de Sarafina! O som da Liberdade	54
FIGURA 2: Frame de Entre os Muros da Escola	54
FIGURA 3: Frame de Entre os Muros da Escola	55
FIGURA 4: Frame de O Contador de Histórias.....	55
FIGURA 5: Frame de O Contador de Histórias.....	56
FIGURA 6: Frame de O Contador de Histórias.....	56

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste em investigar a representação cinematográfica da juventude negra em âmbito educacional buscando averiguar as representações contidas nos filmes e o discurso racial dessas instituições de ensino ficcionais. Qual o formato das identidades que estes filmes formam/constroem para a juventude negra? A abordagem do problema terá um caráter qualitativo.

Nossa intenção é averiguar a forma como os estereótipos¹ são expostos em diferentes filmes, mostrar se os filmes contribuem ou não na construção da identidade negra. O processo de formação da identidade se dá a partir nos espaços de interações sociais como família, escola, rua e a própria comunidade onde vivem, entre outros. Para além da análise da questão racial é necessário verificar como se dão as relações de gênero e classe social, buscar interconexões e problematizar a construção das identidades, a partir da luta e resistência para reconhecimento das diferenças e das possibilidades reais de transformações.

A identidade é compreendida como um aglomerado de signos e características próprias, constituído por um determinado grupo de pessoas que buscam entre seus semelhantes a interação social com o meio em que estão inseridos, sendo que é a partir dessa interação que o indivíduo adquire sua formação social e cultural (Stuart Hall, 2003; Tomas Tadeu da Silva, 1999). Isso implica na inclusão de todas as situações vivenciadas pelo indivíduo que possam contribuir e / ou induzir de alguma forma a construção da identidade; assim, destacaremos a mídia como um meio de comunicação em massa, mais propriamente dito o cinema.

¹ Estereótipo é a generalização e o pressuposto sobre determinados grupos, bem como seus comportamentos, cultura, vestimentas entre outros, normalmente é salientado características negativas. Este conceito foi criado em 1922 pelo norte americano Walter Lippmann. Para mais, disponível em < <http://www.significados.com.br/estereotipo/>>. Acesso em: 09/12/2014.

A indústria cultural² cinematográfica (como as demais, a exemplo da indústria televisiva e radiotônica), tem seu sentido baseado no consumo, e na maioria das vezes é tratada como bem de consumo e abrange um grande número de pessoas, tornando-se um fenômeno formativo e educativo.

Historicamente o cinema reforça e reproduz mecanismos ideológicos, pautado na hegemonia euro-americana sendo que nesse processo cinematográfico algumas culturas e representações são negadas e quando são expostas ao público aparecem de maneira estereotipada. E quanto aos jovens alunos negros, que são representados nos filmes como alunos problema, dependentes químicos ou então alunos envolvidos no mundo do crime? Tendencialmente é dessa forma que os jovens negros vêm sendo representados no cinema e a escola por sua vez surge nesse contexto como a única forma legítima de superação desses problemas.

Os negros (as) vêm sempre pautados em situações de humilhações por serem vistos como pessoas inferiores, sendo desvalorizadas suas características físicas e também suas capacidades intelectuais. Isto é, a imagem da pessoa negra é retratada como sendo inferior à da pessoa branca, sendo a instituição escolar uma grande ferramenta para a construção da identidade e afirmação da cultura afrodescendente.

Essas instituições contribuem para a formação e construção da identidade, mas também são espaço em que se encontra o preconceito e a discriminação que infelizmente são ainda alimentados, refletindo nas relações sociais. O livro didático, sendo um dos recursos utilizados pelos professores(as), contribui com a perpetuação preconceito racial, ao ilustrar personagens negros como escravos, serviçais, pobres, humildes, entre outros. Essa visão estereotipada contribui para a baixa autoestima do aluno negro.

De acordo com Ferreira e Camargo (2011) os(as) professores(as) não têm capacitação para lidar com as diferenças raciais em sala de aula, os mesmos não percebem o tratamento diferenciado que oferecem para os(as)

² Theodor Adorno e Max Horkhimer desenvolveram o conceito de Indústria Cultural na Escola de Frankfurt. O conceito indica a relação do indivíduo com a cultura e a massificação da mesma, através do capitalismo.

alunos(as) negros(as), essa prática de exclusão favorece o racismo e multiplica a manutenção do racismo silencioso em âmbito educacional. Os(as) professores(as) estão incapacitados para lidar com as questões raciais nas escolas, e isso também pode favorecer a proliferação do racismo nesses espaços escolares. Os educadores não têm consciência de como lidar com tais situações e por isso utilizam de tratamentos diferenciados entre crianças negras e brancas.

A mídia tem um grande papel para influenciar e reforçar a divulgação do que é ser belo, intensificando o modelo de beleza a ser seguido, influenciando de forma negativa as relações sociais e étnicas raciais, no processo de construção da formação da identidade negra no contexto educacional.

As análises dos filmes darão ênfase às relações raciais entre os pares: alunos(as) e professores(as), bem como a interação entre esses pares. As relações desses dois grupos com a organização/gestão dos sistemas educacionais representados também serão analisadas.

Os filmes foram escolhidos por abordarem conflitos sociais, raciais e políticos, a imagem de atores negros(as) é diluída por uma parcela da sociedade chamada de majoritária. Sendo assim iremos investigar os filmes a seguir.

Sarafina som da liberdade - Sarafina sound of freedom (1992) em Soweto - África do Sul no período do Apartheid a professora Mary Masembuko ensina seus alunos (as) negros (as) a conhecerem a sua história de opressão. Contrariando o currículo imposto pelo regime, a professora também instiga os estudantes a lutar pelos seus direitos, a trama contém cenas de violências físicas e simbólicas, contudo Sarafina compreende os ensinamentos de Mary, ela cria uma consciência política, social sobre o discurso racial.

Entre os muros da escola - Entre les murs (2008) professor François dá início junto com seus colegas professores a mais um ano letivo em uma escola no subúrbio de Paris que é retrata pela diversidade cultural, social e religiosa da França contemporânea. Tanto o professor quanto os alunos enfrentam grandes desafios em situações reais do cotidiano escolar.

O contador de história (2009) Roberto é deixado por sua mãe na FEBEM, local este que ela acreditou ser o melhor para seu filho. Já adolescente entre idas e vindas da instituição o garoto conhece o mundo da marginalidade e das drogas, surge Margherit acreditando na mudança de Roberto e assim ela o ajuda a se transformar em um doutor, como sua mãe sonhara.

Objetivos:

- Averiguar os discursos raciais, a partir da análise de filmes enfatizando as narrativas institucionais de ensino ficcionais;
- Investigar os estereótipos (re) produzidos no meio cinematográfico;
- Levantar as relações raciais contidas em âmbito educacional e,
- Analisar os discursos simbólicos sobre gênero, verificando como mulheres e homens são apresentados nos filmes.

2. SARAFINA! O SOM DA LIBERDADE

No ano de 1976, na África do Sul ocorreu no bairro de Soweto a *Revolta de Soweto* conhecida também como *16 de Junho*. Jovens alunos do ensino médio saíram às ruas em protesto contra o regime Apartheid e suas consequências, principalmente no currículo escolar com a introdução da língua africâner³. Estima-se que centenas de alunos tenham morrido neste episódio. Atualmente o dia *16 de Junho* é conhecido como Dia da Juventude e feriado na África do Sul. Baseado nesta história, Mbongeni Ngema produziu o Musical Sarafina aproximadamente 16 anos depois, e em 1992 o musical foi adaptado para as telas do cinema.

Abaixo apresentamos o quadro 1 que traz uma listagem dos principais personagens encontrados neste filme, características e seu papel da trama.

TABELA 1. Personagens principais do filme Sarafina! O Som da Liberdade

Sarafina	Negra, estudante procura a militância.
Mary Masembuko	Negra, professora e ativista.
Bloem	Branco, tenente.
Diretor	Negro, diretor escolar.
Crocodile	Negro, estudante, ativista e vítima do sistema.
Angelina	Negra, trabalhadora doméstica, mãe de Sarafina.
Sabela	Negro, policial a serviço do <i>Apartheid</i> .
Guitar	Negro, estudante, ativista e vítima do sistema.

Fonte: Elaboração própria com base no filme *Sarafina! O Som da Liberdade* (1992).

³ Língua neerlandesa pronunciada na África do Sul. Pessoa de origem neerlandesa, mas natural da África do Sul. Disponível em: www.dicio.com.br/africaner/.

I. Práticas para a liberdade

Entre o mal tempo de um amanhecer e um trem que gradativamente expande seu som até desaparecer, vemos um grupo de adolescente correndo a caminho da escola, temos as primeiras imagens do filme que nos leva a certa inquietação e aflição, até porque adolescentes incendeiam uma sala de aula do colégio onde estudam.

Sarafina (Leleti Khumalo) é a personagem que dá o nome à trama cinematográfica, jovem negra e sonhadora busca através do engajamento de Nelson Mandela⁴ uma África do Sul sem desigualdades raciais e sociais. Ao longo do filme percebemos que Sarafina narra sua história por meio de uma carta destinada a Mandela, que se encontrara preso pelo regime Apartheid. A protagonista usa as artes cênicas para se expressar e militar. Ela nos é apresentada pelas tensões familiares na casa onde mora em Soweto com sua avó, tio e irmãos. Em seguida vemos o primeiro musical de apresentação da personagem sendo interrompido pelos militares.

A primeira cena que temos do contexto escolar é a do Diretor (John Kani) da instituição num discurso repressivo sobre o incêndio ocorrido no início daquela manhã de junho. Alunos, professores, policiais e nós ouvimos o Diretor mencionar esquizofrenicamente em um discurso contraditório, devido à política da época representada, que a escola era o único local de oportunidade para um possível futuro promissor para aqueles alunos. Em seguida a Professora Mary Masembuko (Whoopi Goldberg) é convidada juntamente com seus alunos para apresentação do musical, que é muito frequente no desenrolar da trama. Neste momento podemos perceber a admiração que Sarafina sente por sua professora.

Em sala Masembuko inicia seu trabalho questionando seus(as) alunos(as) sobre a origem religiosa do homem, contudo sua intenção era chegar ao processo de colonização da África do Sul. A professora começa então a instigar seus alunos no seguinte diálogo:

Masembuko: Nome do primeiro homem esperem... Criado?

⁴ Nelson Mandela foi um líder sul-africano na luta contra o regime apartheid na África do Sul. Defensor das causas humanitárias ganhou o prêmio Nobel da Paz em 1999. Para mais, disponível em: www.e-biografias.net/nelson_mandela/. Acesso em 10/12/21014.

Alunos: Adão.

Masembuko: Certo. Qual era a cor dele?

Alunos: Branca.

Masembuko: Quem disse? Nunca vi isso na bíblia, vocês viram? Lá diz que Deus criou o homem a Sua imagem, isto é igual a Ele. E qual a cor de Deus? Vamos uma cor?

Alunos: Dourado, Preto, Prateado, Verde...

Masembuko: Verde gosto de verde! Que tom de verde? Verde-ervilha? Verde-mar? Verde-grama? Verde-oliva? Verde-esmeralda, verde como os dólares? Como a neblina nos montes de Kinshasa? Deus verde! Humanidade verde! Gosto disso. Quem foi o primeiro homem da África do Sul?

Alunos: ... silêncio.

Masembuko: Certo ninguém sabe. Quem foi o primeiro branco da África do Sul?

Alunos: Jan Van Riebeeck.

Masembuko: Data?

Alunos: 1652.

Masembuko: A história é tão linda que faz chorar! Riebeeck vem em seu barco... Seguido de outros barcos, vão para as Índias buscar especiarias, mas ao passarem pela África do Sul sentem sede e param para beber algo. Jan diz: “– Por que não fico aqui e construo um bar? Estará aqui sempre que passarmos”. Boa ideia isso é a África do Sul para os brancos. Uma parada no caminho para outro lugar, uma Pepsi e uma mijada ao sol, e “– Vamos não podemos ficar aqui para sempre”. Mas alguns deles ficaram certo?

Alunos: Certo.

A sociedade vivia de acordo com as ideologias do Apartheid que teve como principio a segregação total dos negros, na escola os professores eram obrigados a contemplar o currículo oculto do regime, através da forte presença militar na escola. Conforme Althusser (1983), o Estado busca mecanismos institucionais para a manutenção de seu poder, o regime da época utilizou intrinsecamente um dos aparelhos ideológicos que é a instituição escolar e o aparelho repressivo que é a força judicial e policial, para transmitir e garantir sua ideologia. A ferramenta utilizada para a efetivação dos propósitos de opressão do regime dentro da escola foi o currículo escolar.

Na sequência a professora dá continuidade a seus ensinamentos, *Masembuko: Então começa a grande migração de 1836. Os brancos olham para o norte, o que veem? Uma terra grande, bonita. “– Tem alguém lá? Não só alguns crioulos se matando com lanças”. Boa ideia, e isso o que nos trouxe? Identidade para os negros? P.H Botha, aulas de africâner? E...*

Neste momento a professora se cala e a câmera nos revela a presença dos militares, em seguida os alunos se viram em direção as janelas da sala de aula e rapidamente ocorre a ruptura do discurso antiapartheid que vinha sendo

realizado pela professora e logo ela conclui: *Democracia, justiça! E escolas muito boas! Temos tanta sorte! A história não é linda!*

Mesmo sendo obrigada pelos militares a ensinar o que o currículo da instituição mencionava a professora buscou métodos subversivos para demonstrar aos seus alunos qual era a intencionalidade da aprendizagem sobre o ensino da África do Sul e de quem estava contando aquela história. De acordo com o discurso colonialista:

Formas anteriores de alteridade étnica e religiosa foram transferidas da Europa para suas colônias, e a suposta “ausência de Deus” e o “culto ao demônio” dos povos nativos se tornaram um pretexto para a ocupação e escravidão. A demonologia europeia cristã deu o tom do racismo colonial. (SHOHAT; STAM, 2006, p. 97).

A intenção da professora foi evidenciar que o simples gesto ou ação de um ser humano empunhar lanças nas mãos e lutar não o caracteriza como uma pessoa desprovida de humanidade ou então de cultura, os colonizadores subjulgaram a cultura africana utilizaram da diferença étnica para justificar suas agressões e opressões.

A constatação dessas diferenças não tem nada a ver com a crença errônea e injustificada de que grupos humanos ou raças são superiores e outras inferiores. É preciso estar consciente de que as ideologias são utilizadas como alibi para a manutenção de situações de privilégio de um grupo social sobre outro. Essas ideologias são com frequência, acompanhadas de uma linguagem de aparência de cientificidade, com o fim de impedir que raças ou grupos étnicos oprimidos possam exigir a modificação das estruturas sócio-políticas que perpetuam seu atual estado de inferioridade. (SILVA, 1995, p. 168).

A introdução da língua africâner, como língua oficial a ser lecionada nas escolas sul-africana é um exemplo sólido da cultura negada desses alunos, contudo vemos na hora do recreio, alguns meninos jogando futebol, algumas meninas sentadas conversando e outro pequeno grupo de meninos se articula num movimento organizado para combater os mandos e desmandos do Apartheid em uma nova intervenção. Essa mobilização organizacional normalmente ocorre no interior da escola.

Em um segundo plano o tenente Bloem (Tertius Meintjes) numa conversa em tom ameaçador questiona os professores sobre a identificação dos alunos meliantes que incendiaram a escola, porém os professores se

calam e através do insert⁵ no início do filme nós já sabemos quem são os alunos que combatem o regime.

Masembuko além de ser a professora de história é a responsável pela produção do musical escolar e busca com seus alunos um tema para a apresentação que ocorrerá em seis semanas (de acordo com a cronologia fílmica). Sarafina sugere como tema *Mandela comes back* – e sinaliza sua vontade em interpretá-lo, entretanto seu possível *affair* na trama, o estudante Crocodile (Dumisani Dlamini), declara que ela não é homem para representar Mandela, assim “retomando o mito da natureza afetiva da mulher, voltada à maternidade, e da teórica natureza prática e racional do homem, o provedor da casa – mito que fábrica o imaginário de uma essência feminina e/ou masculina” (Francisco, 2013, p. 05). Sarafina ao mesmo tempo em que sinaliza o desejo de romper com esse imaginário da essência feminina, não sabe como agir e questiona sua professora de que forma ela pode militar em prol do povo africano. Em poucas palavras Masembuko responde que é necessário saber pelo o que se está lutando.

É através do musical que os alunos contemplam a sua ancestralidade, utilizando a língua local para manter a tradição e manifestar-se, neste momento também a professora percebe que seus alunos estão sensibilizados e solidários com a luta de Mandela, e é através do conhecimento da própria cultura que os indivíduos passarão a valorizar as demais (SILVA, p. 163, 1995). Todavia Masembuko adverte Sarafina de que os militares estão à procura dos alunos encenqueiros e o ato de os alunos gritarem no corredor “*Viva Mandela*” já é considerado uma afronta.

Enquanto os colegas de Sarafina promovem boicote contra os Boer, que no filme nos é indicado como uma rede de loja/mercado, ela se desloca para o bairro de Parkton onde sua mãe Angelina (Miriam Makeba) trabalha de doméstica. Sarafina passa a questionar sua mãe pela sua submissão aos brancos, porque ela é tão passiva, e em um discurso muito próximo da narrativa brasileira, sua mãe a responde: - *Eu tenho quatro filhos e nenhum*

⁵ Griffith é o criador da técnica do insert, esse primeiro plano de detalhe que, na dinâmica de uma cena, dá uma informação importante ao espectador, ao mesmo tempo que sublinha seu impacto dramático (plano de uma arma, por exemplo). Ver VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002.

homem meus filhos não podem viver/comer glória. Na réplica Sarafina menciona: - *Eu prefiro morrer como ele (pai) do que viver como você.*

II. Podem calar meu corpo

Crocodile é agredido por Sabela (Mbongeni Ngema) por dois motivos, primeiro pelas manifestações e intervenções ocorridas na escola e na rede de lojas/mercados contra o regime e segundo pelo relacionamento que Sarafina tem com Crocodile, já desde o início da trama Sabela assedia Sarafina à cercando na saída da escola, no retorno da igreja quando relata que a única solução para a protagonista sair daquela situação social e política era se casando com ele. Sarafina prefere a morte.

Com essa situação os jovens saem às ruas numa passeata pacífica empunhando tochas nas mãos, cantando cantigas do dialeto local, reforçando mais uma vez a sua identidade. *“Você pode nos ferir, mas você não pode nos matar, mas vamos viver de novo, estamos chegando, para afiar suas lanças, a guerra está a sua porta”.* Conforme Césaire,

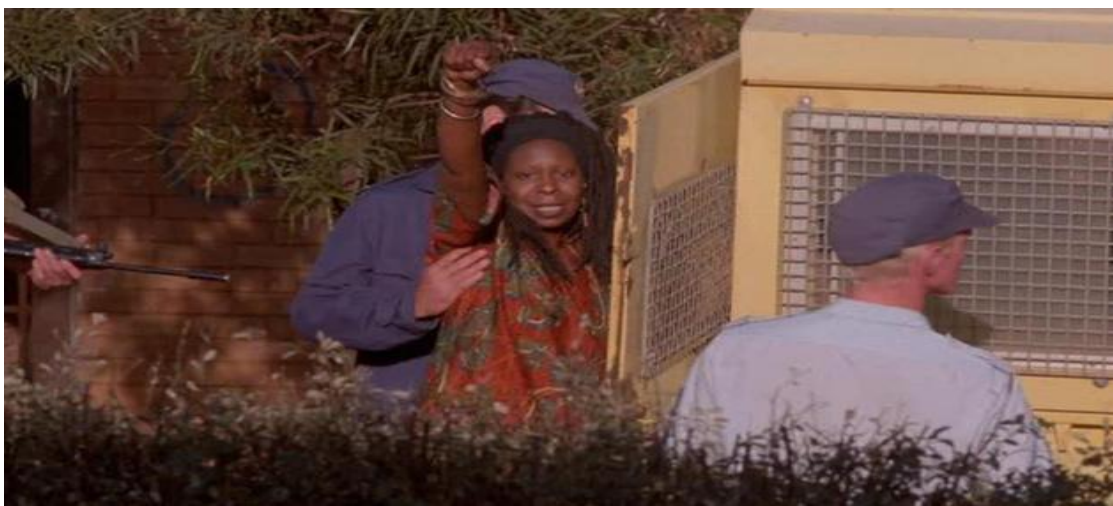
Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definitiva primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. Ela não é nem da ordem do patético nem do choramingo. A negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. (CÉSAIRE, 1987, p. 109).

A negritude não é um ataque ao eurocentrismo que nega culturas diversas, mas sim um ataque à consciência negra, ao povo negro, a reflexão acerca do que é ser negro historicamente e socialmente e romper com práticas excludentes. Durante a análise do filme pudemos constatar que a ancestralidade na trama é cultuada pela musicalidade e pela dança.

Na sala do diretor, Masembuko é questionada pelo tenente Bloem a respeito do programa autorizado, se ela possui um material adicional e o que traz esse material e ela responde: - *Eu quero que eles saibam de onde vêm. Eu quero que eles tenham um sentimento de orgulho em si mesmo.* O tenente responde: - *Orgulho negro.* Ao retornar para sala de aula Masembuko declara

que não é comunista ou subversiva ao governo apenas - *tenho o direito de dizer a verdade sobre o que temos de errado e aprender com isso.*

Trabalhando com a guerra napoleônica Masembuko relata: - *A guerra napoleônica, o que é que o programa diz, de modo que é o que eu ensino. Então, o que podemos aprender com isso? O exército de Napoleão, o mais bem equipado, o exército mais poderoso do continente. Todos diziam que não poderia ser derrotado. Então o que acontece? Ufa! Eles se foram, por quê? Eles foram espancados na batalha? Não eles foram derrotados pelo povo. A câmera enquadra-se no rosto da professora durante sua narrativa e se expande novamente até focar nas janelas onde percebemos a chegada dos militares, ela prossegue: - *As pessoas podem derrotar os exércitos. A história provou isso.* Masembuko é chamada por Bloem, os alunos ficam alvoroçados com a retirada da professora da sala de aula, e antes de entrar no camburão o último ato político pedagógico que a professora realizou e o mais significativo e expressivo ao longo da trama foi levantar seu braço e fechar sua mão, nos fazendo lembrar o símbolo revolucionário dos direitos civis norte americano, o Movimento Black Power⁶.*



Frame de Sarafina! O som da Liberdade.

⁶ Movimento Black Power foi uma organização/movimento social dentro do contexto político dos Direitos Civis. O movimento visava à consciência racial de seus membros negros e a libertação da autoridade branca. Para mais, disponível em: <<http://centralmbc.blogspot.com.br/2013/12/express-yourself-o-movimento-black.html>>. Acesso em: 10/12/2014.

Ainda que o nome do filme seja Sarafina seu protagonismo fica em segundo plano e inclina-se para Masembuko com sua prática de ensino libertadora, como já referimos interpretada por um ícone do cinema hollywoodiano, Whoopi Goldberg. Porém a partir da prisão da professora compreendemos o dilema pelo qual Sarafina perpassa até então pela trama, a transição da adolescência para a vida adulta. E para os educadores, qual é a função da instituição escolar neste processo de construção identitária? Conforme Dayrel (2003, *apud* SILVA, 2013, p. 406),

[...] essa proposta é uma negação do presente vivido pelo jovem como espaço-tempo de formação, pois, segundo ele, a juventude, como categoria definida histórica e socialmente, não possui caráter universal, homogêneo ou estável.

E ainda:

A escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora em que a formação moral predomina sobre a formação ética em um contexto de flexibilidade e fluidez, de individualização crescente e de identidade plurais. (DAYRELL; JESUS; CORREA. 2013, p.10).

A forma pela qual as imagens são estruturadas, nos leva a refletir sobre possíveis ações que tomaríamos no presente, como se o passado ou o futuro não nos pertencesse no ato da representação. Somos induzidos a criticar as formas pela qual a escola vem sendo estruturada há décadas, seja pela representação cinematográfica ou pela nossa subjetividade.

Outro professor foi substituído por Masembuko, no entanto os alunos se rebelaram contra ele, e o caos equivalente ao um campo de guerra foi instaurado na escola, crianças saindo das salas correndo, gritando e chorando se dispersando pelo pátio, de um lado os militares com suas armas letais, de outro, alunos militantes do orgulho negro com pedras arremessando-as contra os opressores, dentre toda a confusão que é retratada observamos que Crocodile é atingido pelas costas e cai no chão da escola morto.

Os alunos e simpatizantes contrários ao Apartheid saem às ruas em manifestação, contudo são subjulgados pelos militares e um novo campo de conflito é instaurado na trama numa proporção maior que o ocorrido na escola, com carros e ônibus incendiados, lojas apedrejadas.

Centenas de alunos são presos e torturados na prisão, o tenente Bloem indica Sarafina a dedo para sala de interrogatório, e é lá que ela fica sabendo que sua Professora foi morta, ou melhor, como relata o interrogador: - *Masembuko sofreu um acidente*. Em seguida Sarafina é submetida à sessão de choques elétricos. Assim que é liberada da prisão, a primeira atitude dela é ir ao encontro de sua mãe, chegando a casa onde sua mãe trabalha Sarafina se depara com uma festa infantil de crianças brancas, esta cena é retratada em câmera lenta destacando o abismo social entre as duas realidades.

A última conversa que Sarafina teve com sua mãe foi encerrada pelo silêncio, a militância de Angelina está muito próxima da que Mandela realizava/realizou, era através de seu trabalho que ela proporcionava/garantia ou tentava garantir uma qualidade melhor de vida para seus filhos. Ela nunca deixou de lutar, como Sarafina mencionou, ela apenas lutava de forma diferente, a longo prazo. Ela optou por continuar lutando pelo o que acreditava e não morrer pelo que acredita. Após as torturas sofridas, Sarafina, que nos demonstra essa dualidade na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, recorre à sua mãe. Afinal esboço maternal está em conformidade com o descrito por Adelman (2002, p, 51 *apud* Francisco, 2013, p, 02), “disposição de pensar nos outros, e cuidar dos outros”. E é assim que a mãe de Sarafina a recebe demonstrando que existem diversos sons para a liberdade mesmo que se silenciando, suas ações podem promover a liberdade. Assim Sarafina retorna a Soweto, vai até a escola que está em ruínas e unindo-se com Guitar (Sipho Kunene), o musical para o ícone da luta contra a desigualdade racial, Nelson Mandela, é realizado.

Mandela comes back!

3. ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

A obra cinematográfica *Entre os Muros da Escola* foi baseada do livro intitulado “Entre les murs”, de François Bégaudeau⁷, que ressalta o seu cotidiano e a trajetória como professor de Francês no colégio Mozart em Paris. No filme o próprio François Bégaudeau representa um dos personagens principais, que desempenha a mesma função de professor, mas com o nome de François Marin. O filme retrata uma turma de 8º ano numa escola dita como problemática na periferia de Paris, metrópole onde convivem as mais distintas raças e etnias⁸. A partir de longos diálogos e alguns com teor de improviso, representados por jovens que não são atores profissionais e não utilizam de roteiro, criaram seus próprios diálogos no decorrer das filmagens. O filme também não possui trilha sonora para obter o máximo de realismo e isso possibilita a sensação de veracidade para o expectador.

Os nomes de alguns personagens são o mesmo da vida real, exceto de Koumba, interpretada por Rachel Régulier, e de Souleymane, interpretado por Franck Keita, que são jovens negros(as) representados como alunos(as) insolentes e problemáticos(as). Ambos desrespeitam o professor e seus colegas e os atritos que ocorrem no percurso do ano letivo são acarretados pelos mesmos.

Entre os muros tornou-se o 1º filme Francês a ganhar a Palma de Ouro no festival de Cannes desde 1987. Em 2008, vendeu mais de dois milhões de ingressos na França, nos primeiros cinco dias atraiu 356.494 expectadores. Foi exibido em 368 cinemas de 44 países entre maio de 2008 e agosto de 2009, inclusive no Brasil. O Diretor Laurent Cantet nasceu em Melle Deux Sevres, no ano de 1961, é um cineasta graduado pelo IDHEC (Instituto de Estudos Cinematográficos Avançados) na França, e sua primeira produção foi um curta metragem chamado “Demaille Tous á ia Manif”. Suas obras têm como ênfase

⁷ François Bégaudeau (François Marie Bégaudeau) nasceu em Luçon Vendée, 2 de março de 1971, é um escritor de ficção drama, poeta, jornalista, professor, artista plástico, roteirista, colunista e ator.

⁸ Raça e etnia 1: Raça compreende apenas os fatores morfológicos, como cor de pele, constituição física, estatura, etc., e Etnia significa grupo biológico e culturalmente homogêneo. grupo étnico é um grupo de indivíduos que têm uma certa uniformidade cultural, que partilham as mesmas tradições, conhecimentos, técnicas, habilidades, língua e comportamento. Para mais, ver disponível em <<http://www.significados.com.br/raca-e-etnia/>> acesso em : 09- 12-2014.

discussões de caráter sociopolítico, expressas também nos filmes, Recursos Humanos (1999) e A Agenda (2001). O diretor veio para o lançamento do filme no Brasil.

Abaixo apresentaremos o quadro 2 que traz uma listagem dos principais personagens encontrados neste filme, características e seu papel na trama.

I. Relações raciais e multiculturalismo

TABELA 2. Personagens principais do filme Entre os Muros da Escola

Esmeralda	Aluna negra que sempre está questionando a metodologia que o professor utiliza nas aulas e faz parte do conselho de classe.
Khoumba	Aluna negra, dita como rebelde e insolente.
Carl	Aluno negro transferido de outra escola, pois era tido como um problema.
Nassim	Aluno branco marroquino para o quem os pais querem um futuro melhor do que tiveram.
Wey	Aluno branco chinês, dito como inteligente, dedicado, é ótimo nas matérias de exatas.
Henriette	Aluna negra, representada como incapaz, insegura e que não consegue aprender.
Burak	Aluno branco francês, que a mãe queria que fosse estudar na escola Henri IV, pois o mesmo terá melhor padrão de estudo.
Souleymane	Aluno negro africano nasceu em Mali, representado como um aluno indisciplinado, rebelde, sempre está desafiando o professor e pelas suas atitudes vai para o conselho disciplinar.

Fonte: Elaboração própria com base no filme Entre os Muros da Escola (2008).

De acordo com Nunes (2011) a escola é um lugar carregado de diferentes formas e simbolismos culturais marcados pela diversidade de pessoas que ali convivem, e torna-se importante a reflexão sobre as práticas educacionais que são desenvolvidas no seu interior, de forma que se busque trabalhar as diferenças existentes. No entanto a escola tem sido vinculada com uma ideologia dominante, inserida em uma cultura e identidade privilegiada:

Se o sistema de ensino francês perpetua e consagra um privilégio cultural fundado sobre o monopólio das condições de aquisição da relação com a cultura que as classes privilegiadas tendem a reconhecer e a impor como legítima. (BOURDIEU, 1975, p. 139).

Sendo que:

A cultura se caracteriza como um fator criado de símbolos que darão significado à vida das pessoas, perpassando os aspectos econômicos e político. Há no interior de um país, uma variedade de culturas em pequena e grande escala que fogem à homogeneidade de uma escala nacional. (NUNES, 2011, p. 118).

Diante disso iremos analisar uma obra cinematográfica: “O Entre os Muros da Escola” que tem como problemática evidenciar as relações sociais e seus personagens expressam a diversidade, marcados pelas culturas africanas, árabe, asiática e europeia⁹, enfatizando a reflexão do papel da escola no processo de ensino aprendizagem e da formação social, cultural e político do alunado.



Frame de Entre os Muros da Escola.

Nas primeiras cenas os professores se prepararam para mais um ano letivo na escola, nesse momento percebe-se que começam a designar uns

⁹ Diversidade racial em sala de aula. Da esquerda para a direita: Esmeralda, Wey, Boubacar, khumba, Louise e Souleymane.

para os outros as particularidades de cada aluno(a), reafirmando essa separação dos alunos disciplinados e dos ditos indisciplinados. François Marin é professor de origem francesa que tem como objetivo transmitir um conhecimento acumulativo e erudito sobre a língua francesa, para alunos que vivem a língua de outra forma. No entanto esse saber é imposto pela escola e se contrapõe com a realidade, não possibilitando ressignificar ou incentivar a compreensão dos alunos sobre a função social desse conhecimento.

Apesar de seu potencial transformador, a escola ainda constitui um instrumento de manutenção de uma cultura legitimada pela classe dominante, a que se considera culta e que tende a desqualificar manifestações culturais divergentes. (FERREIRA, CAMARGO, 2011, p. 379).

A primeira imagem da sala é representada por certa inquietação, aparecem os alunos conversando e o professor, François Marin, pedindo silêncio. Ele reclama da perda de tempo com conversa e compara sua turma com as de outras escolas, mas Khoumba questiona sua afirmação de que as outras escolas teriam uma hora de aula, pois na verdade as aulas são de 55 minutos, e com isso propõe para o professor parar de comparar com as ditas outras escolas. Mesmo assim o professor insiste em ressaltar o fato de que se perde tempo com conversa.

Em outra cena, professor François Marin possibilita que os alunos(as) busquem as palavras que não compreendem, durante a aula pergunta se há mais palavras que os alunos não entenderam, vários se manifestam como: Burak (francês) com a palavra condescendência, e Damien (latino-americano) que confunde a palavra *argentaria* com pessoas nascidas na Argentina. O professor prossegue com correções e pergunta mais uma vez se alguém está com dificuldade e a câmera se direciona para Heriette (jovem negra) juntamente com a voz do professor mencionando seu nome. Ela fica quieta, até que sua colega Samantha (jovem branca) sussurra a palavra *doravante* e Heriette repete em voz alta, reafirmando a insegurança e incapacidade demonstrada por essa aluna ao longo do filme, em que está sempre está quieta e não se expõem diante a sala, dessa forma ressalta como a representação do jovens negros(as) está interligada com os estereótipos de inferioridade. De acordo com Ferreira e Camargo (2011, p.375) os negros(as) são retratados

como inferiores, e desvalorizam suas características físicas e suas capacidades intelectuais.

Para explicar essas palavras difíceis consideradas pelos alunos, o Professor François Marin constrói frases. Ao trabalhar com os exemplos, as alunas Khoumba e Esmeralda questionam sobre o nome Bill que foi utilizado.

Khoumba: E porque é que não para de dizer Bill.

François Marin: Que Bill

Khoumba: Bill, o nome, você sempre usa nomes estranhos.

François Marin: Não é nada estranho. É o nome de um presidente americano recente.

Khoumba e Esmeralda: Mas porque é que não usa Aiiissata ou Rached ou Ahmed...

A partir desse diálogo o professor ressalta que se começar a escolher os nomes em função das diferentes origens que estão presentes na sala, isso não iria acabar, e com isso remete a ideia de que Bill é um nome que não corresponde à realidade dos alunos. As duas alunas propõem para variar os nomes, diversificando os exemplos. Para Nunes (2011, p.116) o multiculturalismo é um conjunto de ideias e processos que visam o reconhecimento da diversidade cultural. Sendo assim escola tende a ser um espaço que visa as diferentes formas de culturas, pois é constituída e marcada pela a diversidade de alunos / professores funcionários que a englobam. E assim as práticas educacionais prevalecem a uma reflexão sobre como devem ser trabalhadas a diversidade e a inclusão das relações sociais desenvolvidas pelos sujeitos em suas relações cotidianas. Outro autor que enfatiza a diversidade no cotidiano escolar, Silva (1999, p. 88), ressalta a importância de um currículo multiculturalista baseado nas ideias de tolerância, respeito e convivência harmoniosa entre as culturas, sendo que as diferenças estão sendo reproduzidas através das relações de poder.

Khoumba se posiciona contra o autoritarismo do professor em sala e um novo conflito é gerado. O Professor François Marin chama a aluna de insolente porque ela se negou em ler um capítulo do livro *Diário de Anne Frank*. Nessa aula o professor sugere a realização de uma atividade de autorretrato, possibilitando a problematização do livro. No final da aula o professor obriga Khoumba a lhe pedir desculpas, reafirmando mais uma vez a sua autoridade. Após uma reunião de professores que acontece nesse mesmo dia, a câmera

acompanha François até as dependências dos professores no seu armário ele encontra uma carta de Koumba sobre o episódio ocorrido. Koumba inicia a narração da carta entre imagens de dias anteriores ao fato “insolente” e assim as imagens vão se constituindo em meio à dinâmica escolar.

[Voz em off de Koumba] O respeito. Os adolescentes aprendem gradualmente a respeitar os seus professores, por causa das ameaças deles ou pelo medo de arranjar problemas. Para começar, eu o respeito e o respeito devem ser mútuo. Por exemplo, se eu não digo que o professor é histérico, porque é que o professor me chama disso? Eu sempre o respeitei, e é por isso que não compreendo porque tenho de escrever isso. Sei que tem qualquer coisa contra mim, mas eu não sei porque. Resolvi me sentar no fundo da sala para evitar mais conflitos, a menos que me provoque. Admito que posso ser insolente, mas só quando me provocam, não voltarei a olhá-lo para que não volte a dizer que o meu olhar é insolente. Normalmente numa aula de Francês, devemos falar do francês, e não da nossa avó, da nossa irmã ou da menstruação das garotas. E é por isso que, a partir de agora, não volto a falar com você. Assinada: Koumba.

As cenas são estruturadas em torno do cotidiano escolar. Na reunião com os pais, com intuito aproximar a escola da comunidade, o professor François Marin conversa com diversas famílias: os pais de Wey (chinês) que é o aluno modelo, dedicado e aplicado; Nassim (marroquino) que vai à reunião com o pai que idealiza um futuro melhor para o filho; uma figura materna que defende a aparência do filho e questiona o professor sobre isso; outra mãe surge desejando que seu filho Burak (francês) esteja preparado para ingressar numa instituição de ensino com padrões mais elevados; em seguida e por último a representação da família de Souleymane (africano), cuja mãe não entende uma frase que o François pronuncia e vice-versa por não conhecer francês. Esta foi a única família representada que gerou incomodo e preocupação para o professor. Para Sodré (1999) O Outro (o imigrante, o diferente, o negro) é tido como intruso que ameaça dividir o lugar do Mesmo hegemônico, isto é, o Outro é ressaltado como aquele que não conhece o seu lugar, tendo como evidência uma hierarquia territorial.

Esse plano de imagens reforça o que o filme veio construindo sobre Souleymane. Desde o início ele é representado como aluno problema, desinteressado, sempre desrespeitando as normas da escola, saindo da sala sem permissão, sempre mexendo no celular, esquecendo o caderno. Tanto Souleymane como a sua família são descompromissados com o processo educacional, pois o professor pergunta se o responsável olhava os cadernos,

recebendo resposta negativa, e a seguir comenta que “*alguns professores se queixavam das atitudes que está cada vez mais negativa, não traz material, fala muito e chega tarde*”. O irmão mais velho não declara que estava ciente dessa situação e a mãe que assinava a caderneta com os bilhetes informando os problemas de comportamentos, pois ela não sabe ler e não sabia o que realmente estava assinando. Dando assim a ênfase que a representação do negro(a) está vinculado a estereótipos e preconceitos. Ferreira e Camargo (2011) destacam a imagem da pessoa negra como inferior a da pessoa branca, sendo que a identidade é articulada nos valores construídos socialmente considerados assim negativos, constituído pelo preconceito e pela discriminação.

Em uma cena posterior, o professor pede para que os alunos elaborem discursos para convencer os outros, utilizando de argumentos para defender o futebol Francês. Esse dialogo começa quando Nassim (marroquino) relata que as copas da Nações africanas iria começar, e percebe-se que quando o aluno relata sobre a copa, uma voz diz: e *As copas das Nações da Africanas? Essa não...* Então Nassim defende o Marrocos, afirmando ser o melhor time do mundo, menciona os gols que Mali recebeu de Marrocos de 4 X 0, e diz que “*quando Mali não joga, os africanos deixam de ser africanos*”, pois não se importam com as copas das nações africanas. Então o Professor François Marin o interroga afirmando que esses questionamentos de Nassim eram para Souleymane. Boubacar expõe sua opinião defendendo a Costa do Marfim, que tem astros importantes que jogam melhor de que os marroquinos, e depois Carl tenta convencer os colegas que o futebol francês é melhor do que os outros, e chama Souleymane de irmão. Carl é um aluno tido como problema (negro) que no decorrer da trama foi transferido para essa escola. Mas ao chamar o colega de irmão, Souleymane retruca e dizendo “*não sou irmão de macaco*”. Aliás esse dialogo propicia analisar a forma de como os alunos menosprezam a cultura do outro, reafirmando e reproduzindo as concepções eurocêntricas, enfatizando as diferenciações e culturais hierárquicas. Conforme Nunes (2009, *apud* EDUARDO, 2011, p. 123),

(...) devido às diferenças de origem, em dados momentos de confronto verbal entre alunos, eles reproduzem certas concepções colonialistas européias, estabelecendo diferenciações nacionais e culturais hierárquicas,

embora estejam em um mesmo contexto social de filhos de imigrantes ou sejam, eles mesmos, imigrantes.

Professor François Marin entra na discussão, mas Souleymane continua criticando e desafiando o professor e seus colegas. O professor pede para que se retire da sala e o acompanha até a sala do diretor.

II. Gênero e diversidade

No conselho de classe os professores encontram-se sentados em círculo e as alunas Esmeralda e Louise aparecem no canto da sala isoladas com alguns docentes de costas para elas. Normalmente nos conselhos de classe é obrigatória a presença estudantil, assim elas foram indicadas como delegadas da turma para participar da reunião. As duas representantes ficam o tempo todo rindo e falando. Durante as falas dos professores referentes ao aluno Souleymane, François comenta que era “apenas limitado” no ponto de vista escolar, então as alunas ficam incomodadas.

Na aula do professor François em que se discute sobre divisão silábica na poesia, o aluno Rabah comenta por que sua média está baixa, e Souleymane discute com o professor o que foi dito no conselho de classe, num diálogo com o seguinte encaminhamento:

Souleymane: Ovi dizer que ontem na reunião o professor me perseguiu.
 François Marin: Mais outro comentário sobre a poesia.
 Souleymane: Não estou falando de poesia.
 François Marin: Bem vejo que você não fala de poesia, o que quer dizer com "perseguiu"?
 Souleymane: Não sei, mas me “perseguram”.
 François Marin: Houve pessoas, não eu, que disseram que se continuasse assim você terá problemas, não se trata de "perseguiem" você.
 Souleymane: Mas isso é vingança, não compreendo. Os professores querem se vingar de mim?
 François Marin: O que é que isso tem a ver com vingança?
 Souleymane: Se dizem que eu vou arranjar problema, isso é vingança ou não?
 François Marin: Não tem nada a ver com vingança.
 Souleymane: Como que não?
 François Marin: Claro que não, não estamos na rua, estamos lhe prevenindo, não estamos aqui para nos vingarmos, mas para impor a disciplina. Perceba a diferença?
 Souleymane: Não.

O professor se utiliza de meios para comparar o que é realmente vingança, e questiona a forma como Souleymane se posiciona em relação aos

professores ficarem "perseguido". Esmeralda declara que o professor tinha insultado o aluno dizendo que o mesmo era "limitado". Então o professor François Marin pergunta:

François Marin: Louise e Esmeralda, qual é exatamente o seu papel de delegadas? É representar os alunos para assegurar o bom funcionamento da turma ou que isso vire um bordel entre eu e seus colegas?

Louise: Só fizemos o nosso trabalho.

Esmeralda: Relatamos o que aconteceu no conselho.

François Marin: Com certeza não foi essa a impressão que tive. Quando vi vocês aos risinhos na reunião, senti vergonha, vergonha por vocês, não era a hora nem o lugar para fazer aquilo. Não me pareceu muito sério.

Esmeralda: Ninguém mais se incomodou.

François Marin: está enganada!

Esmeralda: Só você que se incomodou.

François Marin: Não, incomodou a mim e incomodou aos outros também

Esmeralda: Não, não... Só você que se incomodou.

François Marin: Desculpem, mas ao rirem assim pareciam duas vagabundas.

Alunos (todos): O que?

Esmeralda: Está doido

Alunos: Isso não se diz.

Professor François Marin se defende: *“não insultei ninguém, nunca disse que eram vagabundas, o que eu disse foi que um determinado momento do conselho de classe, vocês tiveram uma atitude de vagabundas”*. Essa cena tende a enfatizar a concepção segundo a qual os limites do comportamento para a mulher, cada cultura define um modo de ser e expectativas diferentes para homens e mulheres. Quando o professor define o comportamento das alunas como sendo de atitudes vagabundas possibilita analisar a ideia de que as mesmas deveriam se comportar de maneiras distintas do que estavam fazendo.

Silva (1999) ao retratar sobre gênero no currículo destaca que os estereótipos e os preconceitos de gênero são internalizados pelos próprios professores e professoras que inconscientemente esperam coisas diferentes de meninos e meninas. Isso tende a afirmar que esse comportamento “como de vagabundas” é tido na sociedade como não sendo adequado.

Souleymane defende as alunas frente ao desrespeito do professor, ambos ficam alterados e discutem. O estudante pega sua mala para sair da sala e o professor tenta impedir o segurando, Carl seu colega de turma tenta ajudar o professor, mas Souleymane consegue escapar e sem querer sua bolsa bate no rosto de Koumba. Com a batida da bolsa, o supercílio de

Khoumba começa a sangrar e todos os alunos ficam mais tensos do que estavam, contudo neste momento em silêncio. O comportamento indisciplinado de Souleymane só foi agravando, discute com o professor em sala, mesmo que em prol de suas colegas, machuca uma delas, entra em atrito com o professor e colega e sai da escola sem autorização, e provavelmente o professor relata tudo isso ao diretor.

No entanto o professor não relata o que provocou a discussão no relatório, apenas informa que um incidente gerou uma reação em cadeia. As alunas insultadas por Marin, por sua vez, contam para orientadora pedagógica que alerta o professor sobre o assunto, então ele resolve conversar com as alunas no pátio na hora do recreio.



Frame de Entre os Muros da Escola.

Ao chegar o professor questiona *“Marin: Vocês duas fizeram queixa de mim. Muito obrigada! Esmeralda: De nada! Marin: Poderia ter vindo falar comigo antes”*. Os alunos questionaram o fato de apenas os professores relatarem a indisciplina dos alunos no conselho de classe, então François argumenta que não se podem comparar os fatos, e os alunos afirmam que os professores também deveriam ser punidos. Ao se retirar a aluna Khoumba explica para o professor que se Souleymane for expulso da escola, irá retornar para o Mali. François parece não acreditar e ela continua dizendo que foi o pai de Souleymane que disse. O professor não imaginava que a confusão generalizada com diversos culpados acabaria dessa forma.

Souleymane vai para o conselho disciplinar, que tem como objetivo decidir se o aluno continua ou não na escola, sendo que se o mesmo for expulso pelo ocorrido, vai voltar para Mali (que no filme é chamado de Aldeia).

Essa categorização do Mali, estereotipada como selvagem, tida como algo ruim em comparação com a França, é consensualmente desrespeitosa.

No conselho disciplinar, Souleymane, está acompanhado de sua mãe que não fala Francês. Os professores abordaram os problemas de comportamento dos alunos, e nessa reunião decide-se por votação para que o aluno seja expulso, mesmo sabendo o que isso iria implicar o retorno dele para o Mali, que é exposto no filme como “algo ruim”.

A última cena da sala de aula mostra todos os alunos contando o que aprenderam no ano letivo, o que chama atenção é o fato de Esmeralda dizer que os livros indicados pelo professor eram “uma droga”. Então ela conta que leu o livro *A república de Platão*, que não foi indicativa do professor François Marin em suas aulas, e assim contrariando o imaginário do professor e o nosso quanto ao processo de ensino e aprendizagem destes alunos. Depois que todos saem, Henriette se aproxima do professor, e com uma voz de receio expõe que não aprendeu nada. Desde o começo essa aluna é representada como incapaz, e insegura.

A imagem cinematográfica do cotidiano escolar nos possibilita questionar qual é de fato o papel da escola? Como devem ser trabalhadas as diferenças? A forma como está sendo estruturada a escola, se reflete na aprendizagem dos alunos?

4. O CONTADOR DE HISTÓRIAS

O filme *O Contador de Histórias* foi inspirado na trajetória de vida de Roberto Carlos Ramos, uma criança pobre e negra, que morava em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, com sua mãe e seus nove irmãos. A trama se passa na década de 70, e a mãe de Roberto acredita que única oportunidade para melhorar de vida naquele momento era participar do programa assistencialista recém criado pelo governo com propósito de garantir um desenvolvimento profissional para crianças marginalizadas na sociedade. Cada família deveria escolher um filho para participar desse programa, chamado FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor).

Abaixo apresentamos o Quadro 3 que traz uma listagem dos principais personagens encontrados neste filme, características e seu papel na trama.

TABELA 3. Personagens principais do filme O Contador de Histórias

Margherit	Pedagoga francesa branca vai para FEBEM elaborar uma pesquisa em campo.
Roberto Carlos Ramos	Negro e jovem sonhador e marginalizado.
Pérola	Diretora branca da FEBEM
Cabelinho de Fogo	Menino dito como problemático, utiliza da violência para conseguir o que quer.
Mãe do Roberto	Mulher negra, mãe de Roberto, sonha com um futuro melhor para seu filho.
Judith	Professora branca de Educação física na FEBEM

Fontes: Elaboração própria com base no filme *O Contador de Histórias* (2009).

I. Conte sua História

Para Araújo (2004) a mídia influencia os expectadores no processo de construção/ reconstrução das identidades. Ele identifica a existência de uma representação estereotipada e deformada da juventude negra e que está

presente nos diferentes produtos da comunicação de massa, principalmente no cinema que vincula a imagem do negro (a) como sendo inferior.

Na virada para o século XXI, passados mais de cem anos do início do movimento eugenista¹⁰, negros e índios continuavam vivendo as mesmas compulsões desagregadoras de uma auto-imagem depreciativa, gerado por uma identidade racial negativa e reforçada pela indústria cultural. (ARAÚJO, 2004, p. 25).

A juventude negra é representada através de estereótipos negativos, reafirmando o imaginário construído no período da escravização, como classe subalterna. Diante disso iremos analisar uma obra cinematográfica: *O Contador de Histórias*, do diretor Luiz Villaça (2009).

Pés descalços, andar trêmulo nos trilhos do trem, roupas sujas e olhar focado esbaldando sentimentos de inferioridade, inexistência e sofrimento, e lá no fundo o trem. Roberto se ajoelha e deita no meio daqueles trilhos o barulho do trem se incendeia, a câmera foca no corpo do Roberto estático sem nenhuma reação, nos fornecendo a ideia de desistência.



Frame de *O Contador de Histórias*.

Depois, para designar a noção de tempo, o filme utiliza-se de meios gráficos indicando na tela a frase: “uma semana antes”. Isso nos leva ao passado para compreender o por que de Roberto tentar o suposto suicídio. As imagens são conduzidas até um pátio com crianças brincando de futebol sendo

¹⁰ O movimento eugenista, ao procurar “melhorar a raça”, deveria “sanar” a sociedade de pessoas que apresentassem determinadas enfermidades ou características consideradas indesejáveis, promovendo determinadas práticas para acabar com essas características nas gerações futuras. Para mais vide referências.

observados pela Diretora da FEBEM e a pedagoga Margherit. Diante da movimentação no corredor aparece Roberto recapturado pelo Bedel e por mais outro agente dessa instituição. Ele passa do lado de Margherit que o fixa com o olhar e pergunta com interesse:

Margherit: O que aconteceu com aquele menino?

Diretora: Foi recapturado. [A diretora se vira para olhar o Roberto que estava sendo levado, respira fundo e diz]: De novo.

Vira-se e mostra outra criança, *Diretora*: “Ó, lá o Ivanoel, o Ivanoel ele é craque em matemática”, mas a Margherit insiste e pergunta – “O que ele fez?” Com um ar de desânimo a Diretora relata que o Roberto é um problema: “Já rouba, já fuma, cheira cola, é irrecuperável”. Diante desse discurso reproduzido pela diretora, fica claro o estereótipo apontado por Araújo: “A apresentação do negro como pobre e favelado (...). Ou seja, os negros são apresentados relacionados a pobreza, ignorância, drogas” (2004, p. 71).

Mas mesmo com todas as referências sobre o comportamento indisciplinado de Roberto (ou exatamente por elas), Margherit sente interesse em relação aquele menino dito “como irrecuperável” e pergunta, com sotaque: “Eu posso falar com ele?” A diretora, ressentida, diz: “Você que sabe... Qualquer coisa, é só gritar”.

Margherit se aproxima de Roberto que está sentado com a cabeça baixa, com os pés descalços, roupas sujas e rasgadas (ele é representado como jovem negro, delinquente, irrecuperável, excluído) e com Bedel em seu lado. A Diretora pede através de um gesto para Bebel se retirar, e este se levanta e fica próximo.

Nesse filme o próprio Roberto narra a história, com uma voz em off que interpreta por seu ponto de vista os acontecimentos passados: “- A primeira coisa que vi dela, foi o bico do sapato”. Margherit abaixa a cabeça, e seus olhos vão de encontro aos de Roberto, possibilitando compreender simbolicamente a o contexto social de cada um, acarretando assim a ideia de aproximação desses indivíduos.



Frame de O Contador de Histórias.

Margherit: Oi, Por favor, eu posso conversar com você.

Roberto: Achei aquilo muito estranho, ninguém nunca tinha me dito por favor...

Margherit senta ao lado do menino, pega os óculos, o gravador, retira um cigarro da carteira e o acende, na outra mão segura um microfone iniciando uma conversa:

Margherit: Meu nome é Margherit. E leva a mão para cumprimentar Roberto perguntando: E o seu? Mas Roberto não expressa nenhuma reação. Ela insiste.

Margherit: Você nasceu aqui em Belo horizonte? Quantos anos você tem? Quantos anos você tinha quando veio pra cá?

Roberto [com a cabeça baixa]: Eu não vou falar nada não, dona.

Ela então rebobina a fita da gravação, em que está inserida a última frase do Roberto, "*Eu não vou falar nada não dona*", repetindo várias vezes.

Margherit: *Já vi que você não vai falar nada não, dona*. Ela ensaia sua retirada, colocando o gravador da bolsa e se levanta.

Roberto: Minha voz vai ficar guardada ai dentro?

Margherit: Vai...

Roberto: A dona quer saber como é que, eu vim para aqui?

Margherit: Quero.

Com tom de empolgação, senta de novo, e retira o gravador, Roberto pega o microfone e olha para bedel que se encontra próximo.

Roberto: Uma vez, né, eu e minha mãe e meus irmãos, a gente tava sem dinheiro. Aí a gente teve a ideia de assaltar um banco. A gente pegou uma Kombi. Sabe o que é Kombi?

Margherit: Sei.

Roberto: Aí chegou lá, a gente tava rendendo todo mundo, os caixas tudo passando o dinheiro pra gente.

A história se intercala com as imagens da cena, em que Roberto fantasia um assalto a banco, todos com roupas coloridas, perucas *Black Power*

referindo o figurino dos The Jackson Five¹¹. Roberto: *“Ai veio a polícia, minha mãe viu a polícia ‘corre! A polícia’. Ai meus irmãos e minha mãe, tudo entraram dentro da Kombi. Eu fiquei. Mãe: Tudo bem, meu filho você é ‘de menor’, eles vão te mandar para a FEBEM, lá vão te dar casa, comida e escola! Você vai virar doutor”*.

A estratégia cinematográfica da operacionalização do lúdico, da fantasia, se contrasta com a dura realidade social que o filme pretende expressar, constrói uma identidade diferenciada da obra em relação a outros filmes contemporâneos que retratam a pobreza e a violência (FRANCISCO, 2013, p. 8).



Frame de O contador de história.

Depois de contar sua história, diz no ouvido de Margherit que ia fugir de novo e à noite Roberto foge da FEBEM. Dois dias depois Margherit vai o procurar na Praça Rui Barbosa, onde ele estava tomando banho no chafariz com outros meninos de ruas. Enquanto os dois conversam, no fundo da cena aparecem policiais montados à cavalo. Roberto sai correndo, com medo.

Em outro momento aparece Margherit tentando convencer Roberto a conversar, no plano de fundo uma praça e tinham outros garotos perto de Roberto. Ela pede para que fosse à casa dela, contar suas história de vida na FEBEM, mas ele recusa o pedido. Então a pedagoga insiste e pergunta se ele

¹¹ The Jackson Five foi um dos mais importantes grupos musicais dos Estados Unidos durante a década de setenta. Ver disponível em <<http://www.collectorsroom.com.br/2009/06/historia-do-jackson-5.html>> acesso em 08/11/2014.

tinha medo dela, mas ele afirmou que não tinha medo de mulher, acarretando a ideia que a mulher é dita como frágil.

Ele resolve ir com um único pensamento: roubar a “dona”. Chegando lá encontra a mesa preparada com bolos, pães, café, entre outros, e ali mesmo Roberto começa a testar a paciência da pedagoga, despedaçando o bolo e falando mal do gosto, etc. Em seguida, sai correndo da casa com o gravador, Margherit consegue recuperar o aparelho, mas fica de joelho na sala em desespero. Margherit vai até a FEBEM conversar com a diretora sobre o acontecido,

Diretora: Tem menino que sai do caminho, o Roberto é um desses, eu lembro quando ele chegou aqui pequenininho, assustado, aí foi crescendo e caiu para o lado errado. Fugiu com a turma de meninos mais velhos, descobriu a rua, a mãe vinha visitar e ele nunca tava, isso acabou separando ele ainda mais da família. Acontece toda hora.

Na sequência, aparecem meninos negros e pardos correndo com uma bolsa na mão, o que nos instiga a pensar que tinham acabado de furtar, ao olhar a escada o garoto se volta e corre, gritando “*Cabelinho de fogo! Vamos embora!, vamos embora!*” Os outros meninos correm, por estarem no espaço de outro grupo tido como audacioso. Sons de sinos se destacam na cena, Roberto fica próximo a escadas com um olhar de admiração, e assim de uma maneira fantasiosa aparece Cabelinho de Fogo, que é representado como rei da rua, acompanhado de outros três garotos, seus súditos. Ao se aproximar, Cabelinho de Fogo propõe um teste para Roberto entrar na sua “turma”, teste que é aceito pelo protagonista.

Roberto é levado para perto dos trilhos do trem, onde é cercado por Cabelinho de Fogo e pelos outros garotos. O chefe da turma manda que Roberto abaixe suas calças. O resto do grupo começa a bater nele, remetendo a superioridade, utilizando a violência como forma de poder. Eles o levam até onde ficam os trens parados e abaixam as calças do Roberto. Cabelinho de Fogo o chama de “mulherzinha”, dando ênfase à inferioridade, e assim Roberto é violentado sexualmente. A cena do começo do filme aparece de novo, explicando assim os reais motivos para Roberto querer desistir da vida. O trem, todavia, passa no trilho do lado. Sua narração relata: “*nem isso consegui fazer!*” Ele aparece descalço e com expressão de sofrimento no rosto indo para

casa de Margherit, quando ela abre a porta ele entra correndo e se tranca no banheiro, procurando refúgio e proteção.

Roberto sai do banheiro, chega na mesa do café da manhã com a cabeça baixa, e Margherit começa a contar sobre sua vida na França possibilitando confiança, instigando assim Roberto a relatar sobre sua vida na FEBEM e antes da FEBEM.

Ele olha para objeto em cima da mesa e Margherit diz “*conte sobre sua vida para o gravador*”, assim utilizando de elementos fantasiosos e lúdicos, ele contou sobre o contexto social em que vivia, trabalhando com a ênfase na narração voz over¹²:

Eu aceitei e contei a minha história pra ela, eu contei que quando eu era pequeno eu empinava pipa o dia inteiro, mas o que eu gostava mesmo era de lançar pipa tudo que era fio, eu deixei tanta pipa presa naqueles postes que eu tinha certeza que um dia minha rua ia sair voando. Outra coisa que eu adorava era ir no bar do seu Jorge, eu tinha um super poder que fazia ele mudar de cor, o seu Jorge era casado com a Wilma, era uma gigante que vendia biju, ela tinha as pernas mais compridas do mundo. Quem sempre ficava na frente do bar era o seu Artur, ele tinha uma bicicleta que cuspiam fogo e sempre tava com uma faca na mão, mas eu não tinha medo dele. Eu tinha medo era de seu Batista, ele ficava o tempo todo dizendo que o mundo ia acabar. A minha mãe era lavadeira, ela deixava as roupas tão branca que parecia que ela pendurava nuvens no varal, eu morava com ela e com seus nove irmãos, eu era o menor de todos, o caçula, a gente morava numa casa com o teto de zinco, ele deixava a casa tão quente, mas tão quente, que se você entrasse com uma galinha viva, num instante ela saía assada. Domingo era dia de frango, mas um dia o frango sumiu, depois foram as laranjas, que a gente comia de sobremesa, depois sumiu o feijão, depois sumiu o arroz só sobravam a canjiquinha. Mesmo sem o frango, eu gostava de domingo, porque era o dia que a gente ia ver televisão na casa do seu Jorge, era a única televisão da rua.

A câmera enquadra na imagem da televisão, e aparecem crianças em círculo brincando, com uma música no fundo: “*Este é um país que vai para frente, ô,ô, ô, ô, ô de uma gente alegre e tão contente, ô,ô, ô, ô, ô*”, depois mostra crianças na sala de aula e uma voz narrando com as imagens transmitidas da propaganda. “*Para que as crianças tenham um futuro, elas precisam de cinco coisas: F da fé, E da educação, B de bons modos, o E da esperança e o M da moral, sabe onde elas encontram tudo isso? Na FEBEM, aqui as crianças carentes terão a chance de se tornar homens de bem, terão a*

¹² A narração, voz over dos pensamentos do personagem no tempo espaço (FRANCISCO, 2013, p. 07).

chance de se tornar médico, engenheiros, advogados.” Percebe-se que na propaganda havia apenas uma criança negra.

A câmera enquadra o rosto da mãe de Roberto, e continua a propaganda FEBEM: “*Mais uma vitória do nosso governo!*” Conforme Thompson (2002, *apud* SALDANHA, 2012, p.25) os meios de mais importantes de difusão são os que têm a ver com a transmissão televisão. Contudo no Brasil o meio midiático mais difundido na década de 70 era a vertente radiofônica a televisão aos poucos foi ganhando espaço,

Dentre o diversos meios de comunicação, o que mais se destaca é a televisão. Devido sua difusão massiva, a televisão pode ser considerada um dos mais poderosos artefatos culturais mediáticos surgidos a partir da segunda metade do século XX. (SALDANHA, 2012, p. 25)

No outro dia, mãe de Roberto, leva seu filho caçula para a FEBEM, pois acreditava que essa era única oportunidade de seu filho seguir uma carreira profissional. Na sua fantasia de menino a FEBEM era um lugar mágico, como um circo, Mas quando chega à FEBEM é diferente. Na primeira noite Roberto fica com saudade e chora, contrastando o imaginário referente de como seriam as aula de educação física e a decepção com a metodologia da professora para ensinar seus alunos. Roberto se refere às psicólogas, e a forma de como ele errava deliberadamente para ganhar mais biscoitos e fingia doenças para conseguir um tratamento diferenciado.

A uma reflexão problematizadora dos fatores que contribuíram de fato para que Roberto se tornasse um menino dito com irrecuperável, a exclusão social, marginalização e principalmente a ideia de abandono é evidenciada por Roberto, quando pergunta para sua mãe “*Você não quer mais eu?*”. Quando chega o Natal, Roberto como qualquer criança imagina o Papai Noel com seu trenó, “*e se ele fosse bonzinho*” iria ganhar presente. Mas teve seu sonho decepcionado por saber que era a Professora Judit de educação física que distribuía os presentes. Depois do Natal ganhou outro presente: foi transferido para a ala dos meninos mais velhos, de 7 á 14 anos, onde ele apanha e conhece o famoso Cabelinho de Fogo. Para se inserir na turma dos maiores era preciso ser durão, então começa a apreender palavrões e utilizá-los.

Quando sua mãe o visita novamente, ele a ignora, olhando para o jogo de futebol que estava ocorrendo naquele instante, e cada vez que sua mãe falava com ele, começava a falar os ditos “palavrões”, e de aí em diante começa a fugir da FEBEM, rouba junto com outros colegas. Enquanto isso, Roberto continua contando sua vida para Margherit que em troca o ensina a ler.

II. Uma nova perspectiva

Na cena de um jogo de futebol do Atlético Mineiro. Ao chegar e perceber o movimento de policiais na frente do estágio, Roberto se afasta.

Margherit: Vamos Roberto!

Roberto: Eles não vão deixar eu entrar.

Margherit: Que!

Roberto: Eles vão me pegar.

Margherit segura sua mão, e o leva até os policiais que estavam revistando os torcedores.

Margherit: Viu?

Roberto: Só por que a madame estava aqui.

Margherit: Vem cá. [Ela o leva até o banheiro masculino.] Olhe no espelho, por que alguém ia te prender, olhe para você, não acha que sua vida mudou, que você mudou.

Roberto: Mas eu continuo preto.

O estereotipo de que todo preto/negro é ladrão, nos conduz a questionar como é a representação da juventude negra no âmbito cinematográfico brasileiro, nos conduz para refletir o que vem sendo pautado na sociedade, e como a mídia favorece para a manutenção desse estereótipos. Conforme Moraes (2013, *apud* FRANCISCO, 2013, p.07):

Também compartilha ao falar acerca do processo social de produção do medo que - ao associar a imagem do negro, morador da periferia, com a criminalidade - estigmatiza o marginalizado que, cada vez mais, é abordado com brutalidade por políticas de policiamento.

As imagens nos levam a perceber que Margherit tenta desconstruir esse imaginário, que vem sendo imposto para Roberto, de que *preto / negro é ladrão*, e assim favorece uma nova possibilidade de construção da identidade, induzindo para uma nova vivência e transformação que gradativamente é expressa nas cenas

Para Hall (2003), o indivíduo pós-moderno, não tem uma identidade estática, essencial ou permanente, isto é, a identidade se torna algo que é transformada gradativamente em relações com o sistema cultural que os rodeiam: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.” (HALL, 2003, p. 13).

Nesse sentido, para Guareschi, Oliveira, Comunello, Pacheco e Nardini (2002, p. 55) o processo de construção das identidades se dá nos espaços da família, da escola, da rua e da comunidade, entre outros. Esses “outros”, em relação ao Roberto, seria a interação e mediação de Margherit que possibilitou a transformação de suas vivências, sendo que as identidades são construídas a partir da desapropriação de discursos, que assim intensifica novos sentidos.

E as cenas paulatinamente nos encaminham até a última conversa de Margherit com a Diretora: Que reafirma essa mudança de Roberto

Diretora: Daqui a uma semana? Já?

Margherit: É.

Diretora: Então essa é uma conversa de despedida. Espero que o Roberto tenha ajudado na sua pesquisa.

Margherit: Ajudou muito. E você também.

Diretora: Vai ser difícil para ele.

Margherit: Vai, mas o Roberto não é mais aquele menino de cabeça baixa que conheci na FEBEM. [Na sequência em paralelo¹³, nos é revelada a reação de Roberto, ao descobrir que a Margherit vai embora para França, e o abandonaria, se sentindo abandonado, resolve se vingar: de alguma forma ela sentiria a mesma tristeza que ele].

Diretora: O Roberto teve sorte

Margherit: Não foi só sorte. Foi trabalho, eu sabia que um menino de 13 anos não poderia ser considerado irrecuperável.

Diretora: O seu trabalho, minha filha, foi fazer o papel de mãe. Você levou o menino para casa, deu roupa, comida, carinho. Eu ia adorar cuidar de cada criança, como se fosse única, mas não dá.

E cada vez que se referia a Roberto, a cena mostrava o garoto enchendo de água a banheira, jogando dentro as fitas de gravação com as pesquisas, e principalmente sua fúria.

Diretora: O que se faz aqui é política pública, isso aqui é uma guerra.

Margherit: Uma guerra que vocês estão perdendo.

Diretora: Ela já começou perdida. Quando uma mãe chega aqui e entrega o filho é porque ela já perdeu a guerra para pobreza. Ela espera que a gente

¹³ Na sequência em paralelo: Mostra alternadamente duas (ou mais do que duas) ordens de coisas(ações objetos, paisagens, atividade etc) sem elo cronológico marcado, para estabelecer, por exemplo, uma comparação (Ver VANOYE, F; GOLIOT-LÉTÉ, 2002).

faça milagre. A gente até tenta, mas milagre é coisa que só acontece de vez em quando.

Diretora: E ele já sabe?

Margherit: Não, acabei de falar com o Cônsul.

Chegando a sua casa, Margherit encontra o banheiro transbordando água por todo lado, com suas fitas de gravação quebradas e molhadas. E ali no quarto está Roberto sentado, com a cabeça baixa, se sentindo abandonado, cheio de angústia. No entanto Roberto vai para França com Margherit, e lá estuda pedagogia, retorna para o Brasil e reencontra sua mãe que pergunta se ele se tornou Doutor.

5. A INTENÇÃO CINEMATOGRAFICA

O século XIX trouxe grandes descobertas para o registro de imagens, seja pela fotografia ou então pelo cinematógrafo¹⁴ que capturava imagens da mesma forma como o aparelho fotográfico, porém com a ilusão do movimento. Antes desses inventos a principal técnica de registro imagético era a pintura.

No fim do século XIX, em 1895, no Salão Indien em Paris, ocorreram as primeiras sessões cinematográficas denominadas pelos irmãos Lumière com uma palavra advinda do grego que significa registro de imagem em movimento. As primeiras exibições fílmicas dos Lumière buscavam manter um caráter científico ao demonstrar a realidade da época com os filmes “*A saída dos operários da Fabrica Lumière*” e “*A chegada do trem à Estação Ciotat*”. Por meio deste aparelho as imagens passam a ser manipuláveis, entretanto,

Sua origem mais remota é a caverna de Platão, citada por Bernardo Bertolucci em *O Conformista* (Il Conformista), de 1970, e pelo escritor português José Saramago no documentário *Janela da Alma*, de Luiz Jardim e Walter Carvalho, de 2001, passa por inventos como a lanterna chinesa e a câmera obscura, muito usada na Itália na época do Renascimento. (MERTEN, 2010, p. 15).

É compreensivo que os irmãos Lumière tenham aperfeiçoado a técnica existente da época. E depois de aproximadamente uma década da existência ou criação do cinematógrafo, o mágico George Méliès adquire o aparelho e passou produzir filmes inclinados para o surreal/fantasia. O mágico, porém, compreende o cinema como entretenimento e não como ciência.

No ano de 1915 é lançado o filme *O nascimento de uma nação* de Griffith, que revolucionou a forma de pensar/produzir cinema. Griffith estabeleceu uma sequência narrativa para seus 1.500 planos, sendo que há vinte anos uma exibição fílmica durava em média 50 segundos. (MERTEN, 2010).

De acordo com Merten (2010), Griffith teve problemas com o orçamento do filme que não fechava, houve um investimento particular de H.E Aitkem,

¹⁴ Instrumento desenvolvido pelos irmãos Lumière para registrar e reproduzir imagens. Ver *Cinema entre e realidade e o artifício de Merten*, Luiz Carlos, 2010.

“mas há suspeitas de que o orçamento sofreu sucessivos estouros e teve de ser integralizado pela Ku Klux Klan, que tinha um interesse todo especial na divulgação das ideias contidas no filme”.

Isso salienta que desde o início das produções, o cinema já se instrumentaliza como um meio de expressão e comunicação política. Griffith foi criado em uma família conservadora e pela sua trajetória de vida e sua construção social essas vivências foram transmitidas para seu filme.

Exemplo desse uso político da técnica cinematográfica é dado pelo governo soviético, que depois da revolução de 1917 usa o cinema, as propagandas como “missão didática” com uma “narrativa alienante”. (VANOTE; GOLIOT-LETE, 2002). Assim como desejava o líder político Getúlio Vargas no Brasil.

Entendemos que mídia cinematográfica também pode ser uma grande ferramenta hegemônica para reforçar o preconceito e estereótipos contidos na sociedade. O propósito não é contextualizar a trajetória do cinema, mas indicar que, como a educação, o cinema também tem a sua intencionalidade, atrás da imagem em movimento existe uma mente, um roteiro. O modo de pensar perpassa toda produção fílmica, porém o cinema em proporção ampliada devido sua escala industrial, estrutura futurística e distribuição que alcançam centenas de milhares de pessoas com fins de entretenimento.

I. Representatividade e Educação

A escola tem como função a formação de cidadãos reflexivos, críticos, criativos, participativos, entre outros, bem como a construção de indivíduos capazes de compreender a sociedade em que vivem, contudo não é apenas a instituição escolar que tem essa função. Descrevemos os diversos espaços e tempos escolares que os filmes retratam como exemplo a instituição de internato - Fundação Estadual do Bem Estar (FEBEM) que tem um caráter de socialização distinto do da escola, a FEBEM buscava a correção e não aprendizagem. A escola, sendo um espaço de interação dos indivíduos, é também uma instituição em que o preconceito e a discriminação estão inseridos, acarretados pelos processos e relações da sociedade em que o sujeito se encontra.

A educação é compreendida como ação de intencionalidade, sendo assim ela pode ocorrer dentro e fora da escola desde que se tenha intenção, uma finalidade. A mídia tem intencionalidades, inclusive como reprodutora (assim como a escola) de discursos idealizados por poucos que atingem grande parcela da população.

Hoje, devido à globalização, independe da região em que o indivíduo se encontra há acesso à mídia, sendo ela um livro, uma televisão ou outros meios. Aqui pensamos a mídia cinematográfica como agente educativo tanto para docentes quanto discentes.

Para atender à demanda educacional e a diversidade cultural existente nos espaços educativos “a linguagem imagética do cinema cada vez mais tem contribuído na dinamização do processo de aprendizagem de crianças, jovens e adultos” (PIRES; SILVA, 2014), pois ela nos revela situações, acontecimentos ou fatos que antes passavam despercebidos ao cotidiano educacional.

[...]pesquisar cinema e educação implica operar com narrativas fílmicas, construindo um objeto de tal forma que, no mínimo, três grandes dimensões sejam contempladas: a complexidade das linguagens específicas com que se faz cinema, o público ao qual se destinam os materiais em foco (ou os sujeitos dos quais as narrativas falam, ou ainda o grupo do qual desejamos tratar ou a quem nos propomos certa ação investigar); e, por fim (e não menos importante), interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica que, possíveis de serem pensadas a partir de filmes ou de intervenção com o cinema, carregam consigo perguntas sobre o tempo presente. (MARCELLO; FISCHER, 2011, p. 506).

Por meio das dimensões exemplificadas pelos autores é possível realizar a análise fílmica, buscando compreender a intencionalidade da obra assistida. Baseando-se na ilusão do movimento, a sétima arte é entendida como a projeção de imagens manipuláveis, essa manipulação implica também no imaginário dos telespectadores, que passam a internalizar o que é visto e reproduzir as ideias e representações, conforme Shoat e Stam (2006).

Diante dessa questão midiática Araújo (2008) afirma que a indústria do cinema e da telenovela se articulam ao demonstrar estereótipos negativos sobre a representação dos negros (as), acarretando na falta de reconhecimento positivo e no menosprezo dos atores e das atrizes negras no cinema e na televisão. A representação desses atores e atrizes negras na

mídia, acaba por reforçar o preconceito, ao limitar os mesmos a papéis de escravos ou serviçais. Normalmente vemos, a mulher negra representada como escrava, empregada doméstica, ou em outro papel como a mulata sedutora.

Para além das representações mencionadas, Hamburger (2007) e Francisco (2013) indicam que a violência e a marginalidade são marcos frequentes na produção cinematográfica moderna brasileira, reforçando negativamente a identidade do excluído e selecionando profissionais brancos para serem apresentados na mídia como ideal de beleza, sendo expostos em papéis de protagonista. Isso articula a ideia de uma estética produzida pela ideologia do branqueamento¹⁵. (GIROUX, 1999; HOFBAUER, 2006).

Nesse sentido, Guareschi, Oliveira, Comunello, Pacheco e Nardini (2002, p.59) indica que “a construção das identidades se processa através de diferentes atravessamentos, o que implica dizer que as identidades são históricas, fluidas e não fixas.” Essa construção de identidade se dá por meio das relações e sentidos produzidos no nosso cotidiano, isto é, nos espaços familiares, na escola, rua e a comunidade onde o sujeito está inserido, e sendo que esses lugares estão expostos e ligados com a relação de pobreza, de violência e do trabalho. Diante disso é necessário favorecer e problematizar a construção da identidade desses indivíduos por meio da luta de resistência para a busca do reconhecimento, e da possibilidade de transformação do processo hegemônico de reprodução do racismo.

Partindo desse contexto, a autora destaca que a mídia¹⁶ vem sendo entendida como um meio de extensão de espaços e das relações que evidencia a construção da formação das identidades, e também como facilitadora de novas relações e sentidos, sendo assim a mídia possibilita

¹⁵ Muitos acreditavam na ideia de que no Brasil não existia racismo e nem discriminação racial e essa dita convivência pacífica servia (e ainda serve) como pano de fundo para um “racismo à brasileira”, ou seja, um racismo disfarçado e aplicado de uma maneira mais sutil. (RAMOS, 2012). Para mais, vide referências.

¹⁶ Ora, mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. Por isso mesmo, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo. Não obstante sua relevância para o estudo desse processo, veículos são meros canais, tecnologias que estariam esvaziadas de sentido não fossem as mensagens que nelas se configuram. (SANTAELLA, 2003).

resgatar a subjetividade do sujeito, reforçando e valorizando as diferenças, contribuindo para a luta e resistência do reconhecimento da identidade negra na sociedade, a exemplo o filme *Sarafina! O som da liberdade*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar e investigar a representação cinematográfica e o discurso racial contido nos filmes nos possibilitou a reflexão acerca do ato educativo. Historicamente os espaços escolares têm com práticas excludentes quanto à permanência do alunado negro na escola, seja pelos livros didáticos ou pela a prática pedagógica dos professores.

Entendemos que a construção de identidade se dá através da interação social, e no período da infância e juventude o espaço mais significativo e construtivo é a relação escolar, a escola, assim sendo, seus profissionais necessitam romper com o “bem de consumo”, com o capitalismo.

Chegamos à conclusão que os filmes, como os livros didáticos, reforçam alguns estereótipos como em *O Contador de Histórias* em que um jovem negro é marginalizado, dito como irrecuperável no discurso produzido pela diretora da FEBEM, mas Margherit (figura da mulher branca e francesa), incentivou e mediou para uma nova vivência, induzindo para a transformação da construção da identidade contrariando o imaginário da Diretora.

Em *Sarafina*, a protagonista com Masembuko e Angelina são as mulheres que sinalizam o som da liberdade. Masembuko como professora de história, que adaptou o currículo educacional contrariando o sistema opressivo do Apartheid que se estendeu também para o interior das escolas. Angelina que optou por se calar e dar continuidade a sobrevivência/criação de seus filhos e Sarafina que neste processo de transitoriedade da adolescência para a vida adulta, procura nos braços de sua mãe a superação do regime através da resistência cultural, racial e política. Porém de forma pacífica como Mandela salientou.

Entre os muros da Escola, evidenciou os atritos e incompreensões que é gerado pelo conhecimento que é imposto pela escola, e não permite que os alunos apropriem e resignifiquem para assimilação da aprendizagem, sendo que o espaço escolar é carregado de diferentes formas e simbolismos culturais, de maneira que não se percebe no filme práticas educacionais que visam trabalhar com essa diversidade, se percebe que os alunos não são considerados como sujeitos daquele lugar e ainda a Henriette que ao final do

ano relata que não aprendeu nada, e o fato da ausência também gera exclusão.

Porém algo muito surpreendente nos foi revelado ao término das análises: o sentido de Negritude contido em todos os filmes, os personagens inseridos em contextos humilhantes, ora pelo regime, ora pela vida na rua, ou pela sua cultura negligenciada, porém não foram passivos a sua condição, todos os personagens principais lutaram da sua maneira para buscar superar seus problemas, através de questionamentos, resistência e reflexão diante de um sistema opressor, que ainda oprime.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar na decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p.979-985, set/ dez. 2008.

ARAÚJO, J. Zito. **Televisão e racismo**. In: A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. 2ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, p. 25-40, 2004.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Tradição erudita e conservação social**. A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução: Reynaldo Bairão. Revisão: Pedro Benjamim Garcia, Ana Maria Baeta. Livraria Francisco Alves Editora S. A. Rio de Janeiro, p. 119- 150, 1975.

DAYRELL, T. Juarez; JESUS, Rodrigues E. de; CORREA, Lycinia M. **A exclusão de jovens adolescentes de 15 a 17 anos no ensino médio no Brasil: desafios e perspectivas**. In: XXIX Congresso ALAS Chile, Santiago do Chile, v.1. p. 1-23, 2013.

DIAS, V. Fernanda; DAYRELL, T. Juarez. Além da suposta inexistência: as sutilezas das relações raciais e suas repercussões no cotidiano escolar de jovens estudantes do ensino médio. **35ª Reunião Anped**. GT21-1732, 2012.

EDUARDO, C. A potência da imagem da impotência. Cinética – cinema e crítica, mar. 2009. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/entrelesmurs.htm>. Acesso em: 14 de jul.2010.

FERREIRA, F. Ricardo; CAMARGO, C. Amilton. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: ciência e profissão**, Universidade Federal do Maranhão, p.374-389, 2011.

FRANCISCO, M. **A representação materna no discurso cinematográfico: a relação da mãe e seu filho “marginal- delinquente”**. Trabalho Acadêmico (iniciação científica voluntária) - Coordenadoria de Iniciação Científica Integração acadêmica da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

GIROUX, A. Henry. O filme Kids e a política de demonização da juventude. In: **Educação e Realidade**. p. 123-136. Jan./Jun. 1996.

GOMES, L. Nilma. **Os múltiplos sons da liberdade**. In: Negritude, Cinema e Educação. Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003 – Org. Edileuza Penha de Souza. Mazz Edições. Volume 1. p, 148-156, 2006.

GUARESCHI, N; OLIVEIRA, P. Fernanda; GIANNECHINI, G. Letícia; COMUNELLO, N. Luciele; PACHECO, L. Milena; NARDINI, M. As relações raciais na construção das identidades. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.7, n. 2, p. 55-64, jul/ dez, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade em questão**. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP& A. p. 07- 22, 2003.

HAMBURGUER. E. Violência e pobreza no cinema brasileiro recente. **Novos Estudos**, v. 78, p. 113-128, junho 2007.

MACIEL, Maria, Eunice. A eugenia no Brasil. Anos 90. Porto Alegre, n. 11, p. 121-130, julho. 1999.

MARCELLO, Fabiana, A. de; FISCHER, Maria, Rosa, Bueno. **Tópicos para pensar a pesquisa em Cinema e Educação**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.36, n.2, p. 505-519, maio/ago.2011.

MERTEN, Carlos, Luiz. **O que é cinema?** In: Cinema: entre realidade e artifício. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios. 4ª edição. p. 7-14, 2010.

_____. **As origens – Janela para o mundo**. In: Cinema: entre realidade e artifício. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios. 4ª edição. p. 15-22, 2010.

_____. **Griffith – Bom dia, Babilônia**. In: Cinema: entre realidade e artifício. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios. 4ª edição. p. 23-34, 2010.

O Levante do Soweto. Disponível em : <http://super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/o-levante-de-soweto-e-o-apartheid-na-africa-do-sul/>. Acesso em: 20/09/2014.

NUNES, Flaviana, Gasparotti. Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme Entre os muros da escola. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n.3 (66), p. 113-129, set./dez. 2011.

RAMOS, A de. S. D. R. Viviane. **Infâncias marcadas pela branquidade**: um análise de conteúdos dos programas infantis da rede globo de televisão entre 1986 e 2011. 88 f. Monografia- Faculdade de Ciências, Letras e Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SHOHAT, E; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica**. Edição 1ª. Tradução: Marcos Soares: Cosacnaify, 2006.

SILVA, Tomas Tadeu da. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. **Diferença e identidade : o currículo multiculturalista**. Belo horizonte: Autêntica, p. 85- 90, 1999.

_____. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. **As relações de gênero e a pedagogia feminista** . Belo horizonte: Autêntica, p. 91- 97, 1999.

SILVA, Mônica Ribeiro; PELISSARI, Lucas Barbosa; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, abr./jun. 2013.

SODRÉ, Muniz. **Rejeição da alteridade**. Claros e escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 258-264, 1999.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução de Marina Appenzeller – Campinas, SP. Papyrus , 2ª. Edição. (Coleção Ofício de Arte e Forma), 2002.

PIRES, Francisca, Conceição, Maria, da. ;SILVA, Pereira, Luiz, Sergio, da. **O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo**. In: Educ.Soc., Campinas, v. 35, n. 127, p. 607-616, abr./jun. 2014.

ANEXOS

FIGURA 1: FRAME DE SARAFINA! O SOM DA LIBERDADE

Masembuko sinalizando o símbolo da resistência do movimento Black Power.



Fonte: Disponível em <<http://www.cineclick.com.br/sarafina-o-som-da-liberdade>> acesso em 08/11/2014.

FIGURA 2: FRAME DE ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

Diversidade racial em sala de aula. Da esquerda para a direita: Esmeralda, Wey, Boubacar, khumba, Louise e Souleymane.



Fonte: Disponível em <<http://heystella.wordpress.com/2009/03/27/entre-os-muros-da-escola/>> acesso em 08/11/2014.

FIGURA 3: FRAME DE ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

Conflito no pátio. De costa: Esmeralda, Carl e de frente o Professor François Marin.



Fonte: Disponível em <<http://stoa.usp.br/flaviofabricio/weblog/46760.html>> acesso em 08/11/2014.

FIGURA 4: FRAME DE O CONTADOR DE HISTÓRIAS

A câmera enquadra o rosto de Roberto.



Fonte: Disponível em <<http://www.redeangola.info/cinema-no-telhado-exibe-o-contador-de-historias/>> acesso em: 08/11/2014.

FIGURA 5: FRAME DE O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Margherit abaixando a cabeça, nivelando o olhar ao Roberto.



Fonte: Disponível em <<http://www.cinepipocacult.com.br/2010/03/o-contador-de-historias.html>> acesso em: 08/11/2014.

FIGURA 6: FRAME DE O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Figurino inspirado no grupo norte-americano: The Jackson Five.



Fonte: disponível em <<http://quersabermeublog.blogspot.com.br/2012/04/o-contador-de-historias-ou-como-o-afeto.html>> acesso em: 08/11/214.